



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

Um estudo sobre as empresas familiares e lideradas por mulheres negras em Feira de Santana-BA

Robert Cauã dos Santos Evangelista¹; Andressa de Sousa Santos Ferreira²

1. Robert Cauã dos Santos Evangelista, PROBIC/UEFS, ADMINISTRAÇÃO, e-mail: robertuefs@outlook.com

2. Andressa de Sousa Santos Ferreira, DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, e-mail: assferreira@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras; Invisibilidade estatística;
Afroempreendedorismo

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo no Brasil tem apresentado crescimento expressivo, segundo o Global Entrepreneurship Monitor (2024), cerca de 47 milhões de pessoas estão envolvidas em algum tipo de negócio formal ou informal. Esse cenário, contudo, não pode ser analisado apenas em termos gerais, pois envolve dinâmicas sociais marcadas por gênero, raça e território. Assim, a literatura sobre interseccionalidade (Crenshaw, 2002; Akotirene, 2019) se torna crucial exigindo abordagens que articulem múltiplos eixos de subordinação.

Em Feira de Santana, segunda maior cidade da Bahia e polo econômico regional, com população de 616.272 pessoas (IBGE, 2022), o comércio e os serviços são as bases da economia local. Nesse espaço, observa-se a forte presença de mulheres negras empreendendo, frequentemente em setores como alimentação, estética, confecção e pequenos comércios. Todavia, a ausência de dados públicos desagregados por raça, gênero e setor econômico sobre essas empreendedoras dificulta tanto seu reconhecimento como agentes econômicos quanto a formulação de políticas públicas inclusivas.

Diante do exposto, a tese defendida neste trabalho é a de que essa invisibilidade estatística não constitui mera falha técnica, mas um mecanismo político de exclusão, que reforça o racismo estrutural e o sexismo institucional (Gonzalez, 1984; Saffioti, 2015; Carneiro, 2005; Bento, 2022). Dessa forma, o problema de pesquisa consiste em compreender como raça, gênero e território interagem na produção dessa invisibilidade. A justificativa decorre da necessidade de construir análises interseccionais que deem visibilidade às mulheres negras empreendedoras, grupo central para a economia local, mas sistematicamente marginalizado nos registros oficiais. O objetivo geral é analisar como a invisibilidade estatística atua como mecanismo de exclusão no empreendedorismo de mulheres negras em Feira de Santana, a partir da articulação entre conceitos de interseccionalidade e afroempreendedorismo.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A pesquisa caráter qualitativo e natureza exploratória, desenvolvida no âmbito de iniciação científica e orientada por abordagem crítica e interseccional. O plano inicial previa quantificação das empresas familiares no município, com identificação daquelas lideradas por mulheres negras. Contudo, verificou-se a ausência de dados públicos que cruzassem raça, gênero e setor econômico em nível municipal, o que levou ao redirecionamento metodológico do estudo.

A coleta de dados incluiu levantamento documental em bases do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e do Global Entrepreneurship Monitor (GEM). Paralelamente, desenvolveu-se uma revisão bibliográfica abrangente, incluindo autoras fundamentais para compreender o fenômeno: Crenshaw (2002), Akotirene (2019), Gonzalez (1984), Saffioti (2015), Carneiro (2005), Bento (2022) e Santos (2019).

A análise foi conduzida por meio de leitura crítica, articulando indicadores disponíveis com suas lacunas e interpretando a ausência de dados como parte constitutiva do objeto de estudo. A invisibilidade estatística foi tratada, portanto, não apenas como um vazio metodológico, mas como fenômeno político que reflete pactos sociais de exclusão, como o “pacto narcísico da branquitude” (Bento, 2022).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Tabela 1 – Comparativo do Empreendedorismo Feminino em Feira de Santana, Bahia e Brasil

INDICADOR	FEIRA DE SANTANA	BAHIA	BRASIL
Empreendedoras negras (%)	76%	73%	53,6%
Grau de escolaridade	74% superior completo	66% superior completo	33,45% superior completo
Renda média	29% entre 1 e 2 SM	29% entre 1 e 2 SM	Negras: entre 1 e 2 SM; Brancas: entre 2 e 3 SM (2021)
CNPJ	41% MEI	34% MEI	24% negras com CNPJ; 41% brancas com CNPJ (2021)
Sócios	68% não têm sócios	73% não têm sócios	-
Principais desafios	Dupla jornada	Insegurança e medo do fracasso	Desigualdade de renda
Percepção de preconceito por ser mulher e empreendedora	51%	53%	24%

Fonte: Dados da pesquisa com base em Sebrae (2021; 2025) e GEM (2023).

Nota: SM = Salário Mínimo.

A análise confirma que a invisibilidade estatística não é mera lacuna metodológica, mas fenômeno político que reforça desigualdades raciais e de gênero. Segundo a tabela 1, Em Feira de Santana, 76% das empreendedoras se autodeclararam negras (Sebrae, 2025), mas sua presença não se reflete em censos oficiais ou políticas públicas, revelando que a omissão estatística é, por si só, forma de exclusão.

O olhar desagregado evidencia desigualdades persistentes. Em 2021, a renda média das empreendedoras negras no Brasil era de R\$1.539, contra R\$2.305 entre as brancas; no mesmo período, apenas 24% das mulheres negras possuíam CNPJ, contra 41% das brancas (Sebrae, 2021). Em Feira de Santana, apesar de 74% das empreendedoras terem ensino superior completo (índice muito superior à média nacional), a maioria permanece restrita à faixa de um a dois salários mínimos (Sebrae, 2025). Essa contradição, somada ao relato de preconceito de mais da metade dessas mulheres, confirma que o capital educacional não se converte em melhores condições quando atravessado por racismo e sexismo, como aponta a perspectiva interseccional de Crenshaw (2002).

Esses elementos reforçam que a invisibilidade estatística atua como mecanismo ativo de exclusão. Assim como a omissão de dados raciais sobre homicídios ocultou por décadas a vitimização negra (Soares; Borges, 2004, apud Carneiro, 2005), a ausência de informações sobre empreendedoras negras inviabiliza o conhecimento de sua realidade, limita o reconhecimento de sua relevância econômica e impede a formulação de políticas públicas eficazes. O que está em jogo não é apenas a falta de registros, mas a definição de quais sujeitos são considerados dignos de atenção estatal e quais permanecem fora do campo das prioridades institucionais.

Esse mecanismo conecta-se ao “pacto narcísico da branquitude” (Bento, 2022), um acordo tácito que preserva privilégios ao silenciar desigualdades e blindar grupos hegemônicos de responsabilização. Em Feira de Santana, esse pacto se materializa na ausência de censos, diagnósticos e programas direcionados às mulheres negras empreendedoras, perpetuando a naturalização de sua invisibilidade. A omissão, portanto, não é casual, mas estratégica: ao não produzir dados, o poder público impede que demandas históricas sejam nomeadas e tratadas, mantendo intactas as hierarquias raciais e de gênero que estruturam a sociedade. Invisibilizar, nesse contexto, significa negar cidadania econômica e restringir o acesso dessas mulheres a direitos, recursos e oportunidades que poderiam ampliar sua autonomia e fortalecer seu protagonismo.

Por outro lado, o afroempreendedorismo e o movimento do Black Money (Santos, 2019) demonstram que, mesmo diante das barreiras, essas mulheres constroem alternativas de sobrevivência e protagonismo. O simples ato de empreender torna-se prática política, contestando tanto a exclusão material quanto a simbólica. A falta de estatísticas, portanto, não apaga sua relevância, mas reforça a urgência de torná-las visíveis como agentes centrais da economia local e nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A análise confirma que a invisibilidade das mulheres negras empreendedoras não resulta de descuido metodológico, mas expressa uma lógica estrutural de exclusão. Embora representem a maioria das empreendedoras em Feira de Santana, sua presença continua desconsiderada em censos e relatórios, onde aparecem diluídas na categoria

genérica “mulheres”, que oculta as desigualdades raciais existentes nesse grupo e compromete a formulação de políticas públicas eficazes.

As contradições observadas (elevada escolaridade sem conversão em renda, formalização precária, ausência de sócios, preconceito recorrente e sobrecarga da dupla jornada) reforçam que a ausência de dados interseccionais não pode ser naturalizada. Torna-se urgente a realização de censos locais e pesquisas amostrais que capturem simultaneamente gênero, raça e setor econômico, possibilitando a criação de políticas de crédito, proteção social e redes de apoio específicas.

Este trabalho contribui ao demonstrar que a ausência de informações deve ser analisada como dado em si, e não como limitação. Ao iluminar essa invisibilidade, abre-se espaço para pesquisas futuras que combinem análises quantitativas e qualitativas, comparando cidades médias e propondo alternativas para um planejamento público mais justo e plural.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p. (Coleção Feminismos Plurais).
- BENTO, Maria Aparecida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, Vol. 10 nº. 1, p.171-188, jan. 2002.
- GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil 2024: relatório executivo**. São Paulo: Sebrae; ANEGEPE, 2025.
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. p.223-244. 1984.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022: Cidades – Feira de Santana (BA)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama>. Acesso em: 21 jun. 2025.
- MACHADO, Bárbara Araújo. **Política de identidade: gênero, raça, classe, sexualidade e a formação do movimento de mulheres negras no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Dandara Editora, 2024.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Editora Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SANTOS, Maria Angélica dos. **O lado negro do empreendedorismo: afroempreendedorismo e Black Money**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- SEBRAE. **Empreendedorismo por raça/cor e gênero no Brasil: relatório executivo**. Brasília, DF: SEBRAE, 2021. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/>. Acesso em: 19 ago. 2025.
- SEBRAE-BA. **Desafios e oportunidades do empreendedorismo feminino na Bahia: recorte UR Feira de Santana**. Salvador, 2025. Infográfico. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/ba/>. Acesso em: 19 ago. 2025.